

## CONSIDERAÇÕES SOBRE A NOMINALIZAÇÃO EM PORTUGUÊS — IV

Carlos Alberto Faraco  
Universidade Federal do Paraná

### RESUMO

No presente trabalho, abordam-se alguns aspectos duma análise lexicalista de estruturas nominais do português, contendo nomes derivados de verbos.

Num primeiro trabalho anterior a este, procurei mostrar como ficaria uma análise transformacionalista, fundada em Chomsky<sup>1</sup>, de estruturas como (1) e (2):

- (1) A vinda dos meninos (atrapalhou nossos planos)
- (2) A destruição da cidade pelos inimigos (atrapalhou nossos planos)

e que problemas uma tal análise enfrentaria concretamente numa gramática do português.<sup>2</sup>

Num segundo trabalho, discuti os argumentos de Chomsky a favor da hipótese lexicalista para tratar estruturas como (1) e (2).<sup>3</sup> Procurei mostrar, então, que a opção por esta análise dentro do modelo chomskyano foi mais por razões teóricas (internas ao próprio modelo) e menos por razões empíricas.<sup>4</sup>

No terceiro trabalho, tentei explicitar alguns aspectos duma análise lexicalista de (1) e (2), dando ênfase especial à questão que envolve funções e relações.<sup>5</sup>

No presente trabalho, abordarei alguns dos aspectos duma análise lexicalista de (1) e (2). Enfocarei principalmente

- 1 CHOMSKY, N. *Syntactic structures*. The Hague, Mouton, 1957. CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of syntax*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1965.
- 2 FARACO, C.A. Considerações sobre a nominalização em português. *Letras* (28): 107-28, 1979.
- 3 CHOMSKY, N. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.A. & ROSENBAUM, D.S., ed. *Readings in English transformational grammar*. Waltham, Ginn, 1967. p. 184-221.
- 4 FARACO, C.A. Considerações sobre a nominalização em português, II. *Letras* (32): 60-72, 1983.
- 5 FARACO, C.A. Considerações sobre a nominalização em português, III. *Letras* (3): 51-66, 1984.

a organização do léxico, a inserção lexical, as regras transformacionais e alguns outros aspectos específicos.

Quanto à organização do léxico, diz-se que ele é constituído de uma lista de entradas lexicais, sendo algumas delas neutras, i.e., entradas sem traço categorial, sob as quais primeiro se explicitam características comuns do verbo e do nominal derivado; e, depois as peculiaridades associadas aos traços categoriais.

Esta entrada é um dos recursos de que dispõe a análise lexicalista para captar generalizações entre a estrutura com o verbo e a estrutura com o nominal: ela evita duplicar informação comum ao verbo e ao nominal quanto às restrições seletivas e à subcategorização.

O fato de haver traços comuns a V e N parece justificar a existência de entradas neutras no léxico. A existência destas entradas, porém, não exclui a possibilidade de nominais derivados terem entradas específicas no léxico. É o caso dos nominais que mantêm com o verbo relações idiossincráticas, quer do ponto de vista da sintaxe, quer do ponto de vista da semântica, conforme vimos em Faraco<sup>6</sup>, na discussão dos exemplos (12) - (14), repetidos aqui por conveniência:

- (12) a) A direção do curso por João é pouco provável
- b) A direção do carro está estragada
- (13) b) A abertura do abcesso foi necessária
- b) A abertura menor perto da lareira é o lugar da porta
- (14) a) Estou esperando a saída dos jogadores
- b) A saída dos jogadores é o portão 13

Naquela discussão, procuramos justificar a constituição de uma entrada própria para os nominais semelhantes aos das sentenças (b), na medida em que — por exemplo — as relações gramaticais que podem se estabelecer entre o nominal derivado e os demais constituintes em (12.a) - (14.a) são diferentes das que se estabelecem em (12.b) - (14.b).

Além da lista de entradas lexicais, o léxico deve conter recursos para dar conta da capacidade do falante/ouvinte de criar itens lexicais, de atribuir-lhes estrutura e de relacioná-los morfológicamente.

6 FARACO. Considerações... II. p.65-6.

Assumimos, aqui, como interessante, as propostas de Basílio, dentre as quais se destacam as relações paradigmáticas — relações sistemáticas, do ponto de vista morfológico, entre palavras de categorias diferentes: V e N, por exemplo;<sup>7</sup> regras de formação de palavras, regras que especificam que uma palavra pode ser formada de outra pelo acréscimo de um elemento à palavra original: casar/casamento; e relações entre regras de formação de palavras, regras que expressam a equivalência morfológica entre palavras formadas por regras diferentes, mas sistematicamente relacionadas: casamento e cassação serão, assim, relacionadas por serem ambas obtidas de verbos, mas por regras de formação diferentes.

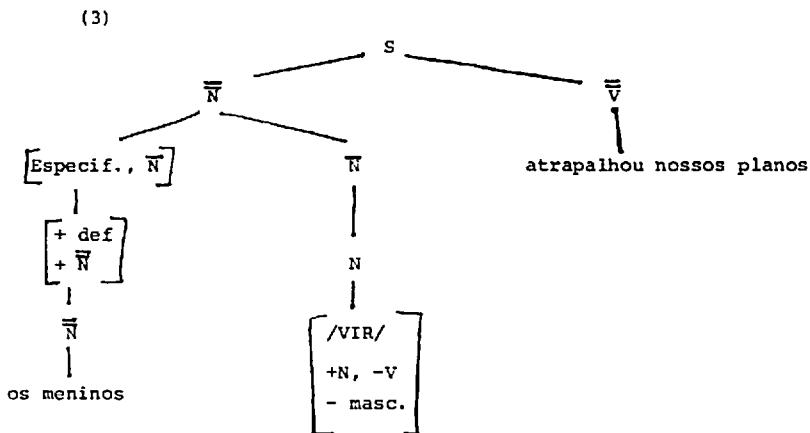
Dito isso, e assumindo o seguinte fragmento de gramática, podemos estabelecer os indicadores sintagmáticos (3)

$$\begin{aligned}
 S &\rightarrow \bar{N} \bar{V} \\
 \bar{N} &\rightarrow [\text{Especif.}, \bar{N}] \bar{N} (S) \\
 \bar{N} &\rightarrow N (\bar{N}) (\bar{AV}) \quad (\bar{AV}: \text{adverbial}) \\
 \bar{V} &\rightarrow [\text{Especif.}, \bar{V}] \bar{V} \\
 \bar{V} &\rightarrow V (\bar{N}) (\bar{AV}) \\
 [\text{Especif.}, \bar{N}] &\rightarrow (\text{Pré-art}) [\pm \text{def.}, (+\bar{N})] (\text{Pós-art}) \\
 [\text{Especif.}, \bar{V}] &\rightarrow \text{Tempo (Aspecto)} \\
 \text{Tempo} &\rightarrow [\pm \text{pass.}] \\
 [\pm \text{def.}, +\bar{N}] &\rightarrow \bar{N} \\
 \bar{AV} &\rightarrow \left\{ \begin{array}{l} \text{advérbio de modo} \\ \text{por } \Delta \end{array} \right\}
 \end{aligned}$$

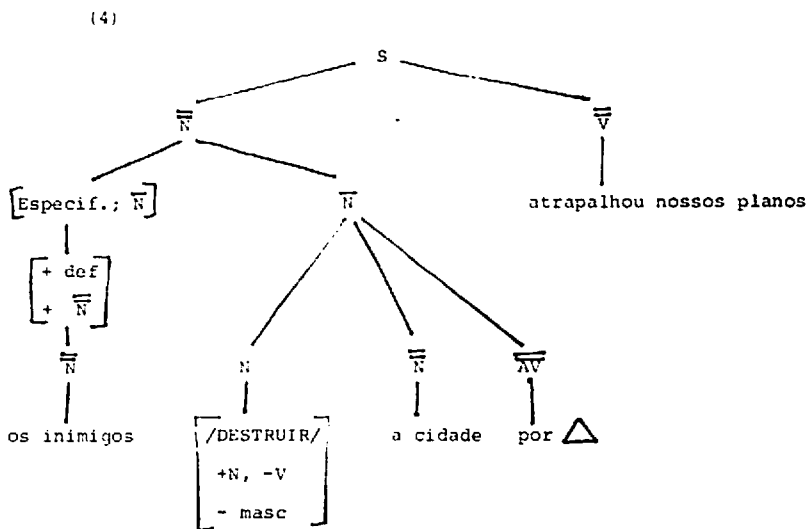
e (4) que representam as estruturas profundas de (1) e (2), respectivamente:

(1) **A vinda dos meninos (atrapalhou nossos planos)**

7 BASILIO, M. Estruturas lexicais do português. Petrópolis, Vozes, 1980.



(2) A destruição da cidade pelos inimigos (atrapalhou nossos planos)



O processo de obtenção das respectivas estruturas superficiais inclui, ao menos, as seguintes regras transformacionais:

- a) genitivização
- b) posposição de agente
- c) concordância
- d) lexicalização de artigo

A primeira operação transformacional proposta é a de genitivização. Esta operação não é um fato exclusivo do português. Em Comrie, procura-se mostrar, a partir da análise de dados de diferentes línguas (inglês, russo, búlgaro, árabe clássico, turco, uzbeque), que a forma genitiva (declinada, ou com preposição, ou outra forma como o 's do inglês) é a forma não marcada dos elementos nominais ligados ao nome principal numa frase nominal.<sup>8</sup>

Isso parece se confirmar, no caso do português, quando observamos os exemplos (5):

- (5) a) A caneta de João  
 b) A fábrica de sabão  
 c) O fio de aço  
 d) A dor de cabeça  
 e) O cacho de banana

São estruturas diferentes de (1) em termos das relações entre os constituintes, mas a estrutura superficial é sempre a mesma:  $N - de + \bar{N}$ , i.e., os elementos nominais ligados ao nome principal estão na forma genitiva ( $\bar{N}$  acompanhado da preposição de).

A genitivização em português é composta de duas partes:

$R_1$ : Posposição de adjunto

$R_2$ : Inserção da preposição de

A posposição de adjunto se aplica a uma subsequência dominada por  $\bar{N}$  — correspondendo ao traço  $[+\bar{N}]$  do símbolo complexo  $[\pm def, + \bar{N}]$  dominado por  $[Especif., \bar{N}]$  e tem como efeito o movimento desta subsequência para a direita do nome-principal-de  $\bar{N}$ , sendo este nome-principal subcategorizado como intransitivo.

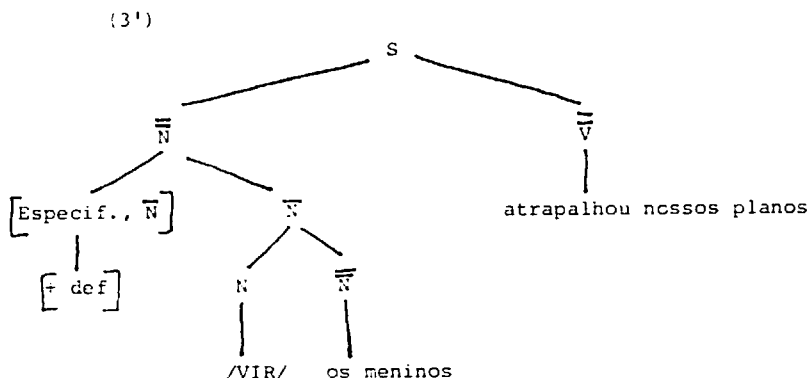
Poder-se-ia apresentar  $R_1$  assim:

$$R_1: \begin{array}{ccccccc} X & - & [+ \bar{N}] & - & \bar{N} & - & Y \\ 1 & & 2 & & 3 & & 4 \rightarrow \\ 1 & & \phi & & 3,2 & & 4 \end{array}$$

Condição:  $\bar{N}$  domina um N intransitivo

8 COMRIE, B. The syntax of action nominals a cross-language study. *Lingua*, 40: 180, 1976.

Aplicada  $R_1$  ao indicador (3), obtém-se o indicador (3'):



A inserção da preposição de ( $R_2$ ) se aplica a uma subsequência analisável de  $N\text{-}\overline{N}$  e tem como efeito a inserção de de entre as duas partes da subsquência:

$$\begin{array}{ccccccc}
 R_2: & X & - & N & - & \overline{N} & - & Y \\
 & 1 & & 2 & & 3 & & 4 \rightarrow \\
 & 1 & & 2 & \text{de} & + & 3 & 4
 \end{array}$$

Aplicada  $R_2$  a (3'), obtém-se (3''):

(3'') [+ def] — /VIR/ — de+os meninos — atrapalhou...

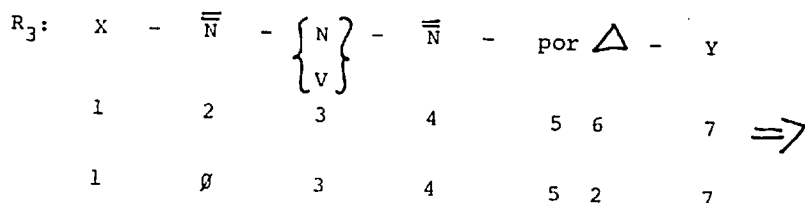
Concluindo o processo de superficialização de (3), é preciso fazer ainda a concordância [Especif.,  $\overline{N}$ ] — N e a lexicalização do traço [+def], enriquecido pelos traços de concordância.

Tomemos agora o indicador (4). Para obtermos (2), a primeira regra transformacional a se aplicar é a posposição de agente ( $R_3$ ), proposta para o português em Perini sob o nome de posposição de sujeito.<sup>9</sup> É uma das regras da operação de passiva, podendo se aplicar independentemente das demais desta operação, conforme se mostra em Perini (p. 213-4) com fundamento na sentença

(6) Mandei examinar Emerenciana por um especialista

9 PERINI, M. A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa. Belo Horizonte. Vigília. 1976. p.213.

A  $R_3$  se aplica a um  $\overline{N}$  na função de sujeito (ou adjunto) de uma S (ou  $\overline{N}$ ) com verbo-principal (ou nome-principal) transitivo acompanhado de um  $\overline{AV}$  dominando por  $\Delta$ . Seu efeito é colocar o sujeito ou adjunto no lugar do  $\Delta$  :



Aplicada  $R_3$  a (4), obtém-se (4'):

(4') [Especif.,  $\overline{N}$ ] — /DESTRUIR/ — a cidade — por por inimigos...

Em (4'), temos condição de aplicar  $R_2$  (inserção da preposição de), obtendo (4''):

(4'') [+def] — /DESTRUIR/ — de+ a cidade — por os inimigos...

De (4'') à estrutura superficial, basta fazer a concordância e a concretização de [Especif.,  $\overline{N}$ ].

Visto isso, consideremos o seguinte exemplo:

(7) A nossa prisão pela polícia...

O complemento de prisão (nós) foi anteposto sob a forma de um possessivo. A anteposição do complemento deixa a estrutura superficial de  $\overline{N}$  semelhante à estrutura superficial duma S passivizada, i.e., 'objeto' — X — por 'sujeito'. Compare-se (7) a (8) e (9):

(8) Nós fomos presos pela polícia.

(9) A polícia prendeu-nos.

Em Perini, ao se estudar a passiva, se propõe uma regra de anteposição de objeto<sup>10</sup> (chamemos esta regra de an-

10 PÉRINI, p.212...

teposição de paciente, para englobar 'objeto' e 'complemento'). Esta regra deveria ser independente da posposição de agente para se poder dar conta de

(6) Mandei examinar Emerenciana por um especialista

Ocorre que, em geral, a anteposição de paciente é obrigatória quando o agente é posposto; e sempre acompanhada da inserção do elemento *ser-do*, permanecendo um mistério a não obrigatoriedade em sentenças como (6).

No caso de  $\bar{N}$ , a anteposição de paciente não é permitida, a não ser que o complemento seja um pronome (*eu, ele, nós, ...*) na forma possessiva (*meu, teu, nosso ...*).

Não há em português uma sentença como (10)

(10) \* Da cidade destruição pela polícia

mas há sentenças como (11)

(11) A  $\left\{ \begin{array}{l} \text{minha} \\ \text{tua} \\ \text{nossa} \\ \text{sua} \\ \dots \end{array} \right\}$  prisão pela polícia

ao lado de sentenças como (12)

(12) A prisão de  $\left\{ \begin{array}{l} \text{mim} \\ \text{ele} \\ \text{nós} \\ \dots \end{array} \right\}$  pela polícia

Teríamos, então, em  $\bar{N}$ , a aplicação optativa da anteposição de paciente com pronomes. Se esta regra for aplicada, porém, ela não condiciona a inserção de *ser-do*, como ocorre na sentença.

Por todas estas características de  $\bar{N}$ , poderíamos pensar que, no caso de (11), não é a anteposição de paciente que se aplica, mas um processo diferente, a possessivização, pelo qual a seqüência *de+eu/você/ele/nós/...* é transformada em possessivo; e este é, então, anteposto ao nome.

Como argumento em favor da possessivização sobre a anteposição de paciente em  $\bar{N}$ , apresento os seguintes fatos:



a) a não possibilidade de anteposição de complemento, salvo os pronomes pessoais;

b) a ocorrência de possessivos em  $\bar{N}$  sem nome associado a verbo:

- (13) a) A caneta do menino ...  
 b) A caneta dele ...  
 c) A sua caneta ...

c) a ocorrência de possessivos em  $\bar{N}$  com nome associado a verbo intransitivo, onde se falar em anteposição de complemento não é adequado, já que a seqüência de + $\bar{N}$  foi obtida por posição de adjunto, conforme os exemplos:

- (14) a) A nossa saída (atrapalhou os planos)  
 b) A minha ida a São Paulo (depende de você)  
 c) A tua vinda (atrapalhou os planos)

Antes de encerrar, um último caso a considerar.

As estruturas com nominais de ação podem conter constituintes na função tradicionalmente chamada de 'objeto indireto':

- (15) a) A doação dos livros às escolas pela Fundação Cultural ...  
 c) A distribuição de víveres aos flagelados pela Prefeitura ...  
 c) A narração da aventura às crianças pela professora ...

Se compararmos (15) e (15')

- (15') a) A Fundação Cultural doar os livros às escolas...  
 b) A Prefeitura distribuir víveres aos flagelados...  
 c) A Professora narrar a aventura às crianças...

podemos observar a forma idêntica do 'objeto indireto' na FN e na S. O mesmo se dá com os 'adverbiais': tanto a FN quanto a S podem contê-los e eles ocorrem sem diferença de forma:

- (16) a) A minha chegada a Curitiba ...  
 b) A saída de João com os amigos ...  
 c) A convocação do diretório nacional pelo presidente do partido na sexta-feira ...

- (16') a) **Eu chegar a Curitiba...**
- b) **João sair com os amigos...**
- c) **O presidente do partido convocar o diretório nacional na sexta-feira...**

Esses fatos se tornam interessantes, se os analisarmos na perspectiva de formas marcadas e não marcadas, como foi feito em Comrie com relação à forma genitiva da FN: as formas do 'objeto indireto' e dos 'adverbiais' seriam formas marcadas tanto na FN quanto na S. Daí sua ocorrência idêntica quer numa, quer noutra estrutura. A forma do 'objeto direto', porém, seria em S a forma não marcada e, por isso, a ocorrência deste na forma genitiva em FN.

Esta proposta pode encontrar certo sustento se analisarmos estruturas com (17) e (18):

- (17) a) **A chegada em Curitiba...**
- b) **A saída pela porta dos fundos...**
- c) **A convocação na sexta-feira...**

- (18) **O cerco dos nazistas...**

Em (17), o apagamento de constituintes não alterou a forma dos elementos sublinhados. (18), contudo, é uma estrutura ambígua: ela pode ter sido originada de (18') ou de (18'')

- (18') **O cerco dos nazistas pelos americanos...**

- (18'') **O cerco de Stalingrado pelos nazistas...**

No primeiro caso, apagou-se o 'sujeito' (pelos americanos); no segundo, apagou-se o 'objeto direto' (de Stalingrado) e a forma do 'sujeito' sofreu alteração.

Esta alteração de forma (por+FN para de+FN) atinge apenas o 'sujeito', como fica patente se observarmos os exemplos (17.a) — (17.c), em que houve apagamento sem determinar qualquer mudança na forma dos constituintes que permanecem.

Diante destes fatos, poderíamos nos perguntar por que ocorre alteração num caso e não ocorre em outro. Talvez, porque se deva considerar 'sujeito' e 'objeto direto' como os elementos não marcados de S e FN. Apenas que — na FN — a ocorrência de 'objeto direto' e 'sujeito' exige o segundo numa forma especial (por+FN), já que não há, em português, uma estrutura como (19):

(19) \* O cerco de Stalingrado dos nazistas  
 'obj. direto' 'sujeito'

Nos outros casos — estruturas com nominal intransitivo e estrutura onde houver apagamento do 'objeto direto' — o 'sujeito' ocorre na forma genitiva.

As restrições à ocorrência de duas formas genitivas do mesmo tipo — como no exemplo (19) — acontecem em outras línguas.<sup>11</sup> Interessante observar, porém, a seguinte frase:

(20) A decisão do partido de abandonar o plenário... onde um dos constituintes da FN é uma S.

Neste caso, o 'sujeito' fica genitivo e imediatamente depois do núcleo; e a S constituinte também aparece genitivizada. Há, portanto, em português, esta possibilidade de ocorrência de formas genitivas do mesmo tipo. Em resumo, sendo um dos constituintes de uma FN um S, isto determina sua genitivização e o deslocamento do 'sujeito' para a posição imediatamente depois do nominal núcleo, operando-se a mudança  $por+FN \rightarrow de+FN$ .

Com isso, encerro esta série de pequenos estudos sobre a nominalização. Interessante será, agora, observar as adaptações a serem feitas nesta análise em face das mudanças ocorridas no modelo teórico que nos serviu de referência.

#### ABSTRACT

This work deals with some aspects of a lexicalist analysis of nominal structures with nouns derived from verbs in Portuguese.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 BASILIO, M. Estruturas lexicais do português. Petrópolis, Vozes, 1980.
- 2 CHOMSKY, N. Aspects of the theory of syntax. Cambridge, Mass., MIT Press, 1965.
- 3 ———. Remarks on nominalization. In: JACOBS, R.A. & ROSENBAUM, P.S., ed. Readings in English transformational grammar. Waltham, Ginn. 1967. p. 184-221.
- 4 ———. Syntactic structures. The Hague, Mouton, 1957.
- 5 COMRIE, B. The syntax of action nominals: a cross-language study. *Lingua*, 40:177-201, 1976.

11 Cf. COMRIE.

- 6 FARACO, C.A. Considerações sobre a nominalização em português. *Letras* (28):107-28, 1979.
- 7 ————. Considerações sobre a nominalização em português, II. *Letras* (32):60-72, 1983.
- 8 ————. Considerações sobre a nominalização em português, III. *Letras* (33):51-66, 1984.
- 9 LEES, R. *The grammar of English nominalizations*. The Hague, Mouton, 1960.
- 10 PERINI, M. *A gramática gerativa; introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte, Vigília, 1976.